

PERFIL • IVAN RAMALHO, secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento

Roberto Stuckert Filho

Eliane Oliveira

• BRASÍLIA. Desconhecido do público em geral, o secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Ivan Ramalho, vem conquistando cada vez mais espaço e respeito nos meios empresarial e diplomático no Brasil e no exterior. Mesmo sem ter tido formação específica para tratar das idiossincrasias do mundo da diplomacia, Ramalho, um discreto funcionário de carreira aposentado do Banco do Brasil — onde trabalhou durante 30 anos, até 2003 — aperfeiçoou-se na delicada arte de resolver as pendências comerciais envolvendo o Brasil com outros mercados.

À frente dos comitês bilaterais de negociação, ele é apontado como grande responsável pela paz que já reina no Mercosul entre o Brasil e seus sócios, há dois anos. Junto com o setor privado, Ramalho também representou o governo brasileiro no difícil processo negociador dos acordos de restrição voluntária das exportações de têxteis, confecções e brinquedos para o Brasil.

— Ele é um apaixonado pelas coisas da indústria. Dorme, acorda, come e respira a indústria brasileira — afirma o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Brinquedos (Abrinq), Synésio Batista.

— É um hábil negociador. Um brasileiro digno, que representa muito bem o país — respalda Fernando Pimentel, diretor da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit).

Vinhos argentinos de má qualidade foram barrados

A área diplomática também avaliza o técnico. Ao serem indagados sobre determinados acordos bilaterais, os diplomatas quase sempre respondem da mesma forma: "Perguntem ao Ivan Ramalho".

Casado, pai de três filhos, o economista tem como hobby preferido a leitura, sobretudo de romances. Possui uma pequena biblioteca em casa, em Brasília. Mas os momentos livres são poucos. Está sempre viajando, de forma mais freqüente para países do Mercosul.

O descascador de abacaxis do Mercosul

A Ivan Ramalho são atribuídos vários sucessos em negociações comerciais com o exterior



IVAN RAMALHO é tido como pé-quente por empresários e colegas, que o consideram um hábil negociador, sobretudo no Mercosul: "Trabalho em comércio exterior há muito tempo"

Tido como pé-quente por colegas e empresários, Ramalho foi secretário de Comércio Exterior de 2003 a 2005 para, em seguida, assumir o segundo posto mais importante do ministério. O titular da pasta, ministro Miguel Jorge, resolveu mantê-lo no cargo, impressionado com o empenho do funcionário. Ramalho agora é o braço direito de Miguel Jorge.

— Trabalho em comércio exterior há muito tempo. Sou egresso da antiga Cacex (a extinta Carteira de Comércio Exterior, do Banco do Brasil). Quem trabalha em comércio exterior, obrigatoriamente, tem sempre contatos com governos e empresários de outros países — conta Ramalho.

Ele tem como estratégia negociadora uma mistura de boa

"O acordo têxtil com a China foi bastante difícil. As autoridades cobravam a homologação do reconhecimento do país como economia de mercado, o que nunca foi feito por nós"

vontade, paciência e, principalmente, jamais decidir qualquer coisa sem a participação dos empresários. Outro item importante é o preparo físico.

— Não enfrento muita dificuldade para viajar.

Ramalho já passou por negociações difíceis, como o acordo têxtil com a China e o entendimento, com os argentinos, para que não entrassem mais no Brasil vinhos da Ar-

gentina de má qualidade a preços extremamente baixos, o que prejudicava os produtores gaúchos. Em outra grande negociação da qual participou, há cerca de dois meses, conseguiu convencer paraguaios e uruguaios a autorizarem a elevação das tarifas de importação de calçados e tecidos para 35%.

— O acordo têxtil com a China foi bastante difícil. As

autoridades chinesas cobravam algumas coisas, como a homologação do reconhecimento do país como economia de mercado, o que nunca foi feito por nós, e a revisão de algumas medidas *antidumping* — diz Ramalho que, no fim, acabou dobrando os chineses.

Para 2008: Guiana Francesa, Colômbia e Suriname

Houve momentos, porém, em que tudo não passou de um mal-entendido, que poderia trazer consequências desastrosas. Em plena cúpula de presidentes do Mercosul, em junho de 2007, em Assunção, um caminhão de jeans do Paraguai que iria para o Brasil foi apreendido. A imprensa paraguia deu grande destaque, acusando o Brasil de inno-

travas às exportações. Foi feita uma reunião de emergência, e o que se descobriu é que a causa foi o preenchimento de uma informação errada na documentação.

Fluente em inglês e espanhol, Ramalho tem lembranças de encontros internacionais mais antigos. Por exemplo, em 11 de setembro de 2001, participava, em Londres, da negociação para um acordo no comércio mundial de diamantes.

— Ao tomarmos conhecimento dos atentados nos Estados Unidos, a reunião foi imediatamente cancelada.

Segundo Ramalho, entre suas missões para 2008, está a criação de mais três comitês bilaterais com Colômbia, Guiana Francesa e Suriname. Ele continuará representando o Brasil. ■